

Lars Saabye Christensen

Beatles

Tradução do norueguês

Kristian Amby



cavalo
de ferro

Beatles

Autor: Lars Saabye Christensen

Tradução: Kristian Amby

Capa: Miss Shusie

Foto capa: © Yellow Dog Productions / Getty Images / Image One

Foto Autor: © Siv-Elin Nærø

Paginação: Gabinete Gráfico Cavalo de Ferro

ISBN: 972-8791-97-6

**Todos os direitos para publicação
em língua portuguesa reservados por:**

© **Cavalo de Ferro Editores, Lda.**

Travessa dos Fiéis de Deus, 113

1200-188 Lisboa

www.cavalodeferro.com

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sob qualquer forma ou por qualquer processo
sem a autorização prévia e por escrito do editor,
com excepção de excertos breves
usados para apresentação e crítica da obra.

CAPÍTULO I

Estou sentado numa casa de veraneio e é Outono. A mão direita irrita-me: está coberta de pontos feitos de forma atabalhoada, sobretudo o indicador. Está retorcido como uma garra. Não consigo deixar de olhá-lo. Agarra-se toscamente à esferográfica, desenhando palavras vermelhas. É um dedo descomunalmente feio. É pena eu não ser canhoto, em tempos quis sê-lo, canhoto e tocar baixo. Mas sei escrever ao inverso com a mão esquerda, como fazia o Leonardo da Vinci. Mesmo assim escrevo com a direita, resignado com a mão estropiada e o indicador repelente. Cheira a maçãs cá dentro, emana um odor forte a maçãs da mesa onde estou sentado, no meio do quarto em penumbra. É noite do primeiro dia e apenas tirei as portadas de uma das janelas. O peitoril está repleto de insectos mortos, moscas, mosquitos e vespas, com perninhas secas e finas. E o odor a maçãs afrouxa-me a mente, a minha cabeça liberta algo dentro de mim, sombras dançam pelas paredes à luz do luar que penetra pela única janela e transforma o

quarto num velho diorama. E tal como o pai de Ola, o barbeiro da Praça Solli, que nos aniversários punha sempre a película ao contrário no projector e víamos três filmes do Charlot de trás para a frente, assim viro as costas e recuo. E sem me aperceber a bobina por detrás dos meus olhos pára numa imagem específica, que imobilizo uns segundos, congelo-a, dando-lhe de seguida movimento, pois sou todo-poderoso. Dou-lhe vozes, sons, cheiros e luz. Oiço nitidamente o som da gravilha sob os pés enquanto atravessamos o Largo do Vestkanten, sinto a leveza estonteante resultante de uma passa no cigarro, e ainda sinto o cotovelo do Ringo a embater suavemente no meu lado, e paramos em fila os quatro, e o John aponta para um *Mercedes* preto, lustroso, estacionado à porta do Naranja.

Foi George quem falou primeiro. Ele disse:
– Aquele é teu, Paul.

Todos sabiam que no que tocava a *Mercedes* eu era o especialista. Nem precisava de ferramentas. Bastava retorcer o símbolo três voltas para a direita, largar repentinamente e puxar, os apoios e molas partidos. Galgámos a escadaria e o calor provocava comichão debaixo da camisola. Analisámos as circunstâncias.

– Gente a mais – sussurrou John.

Os outros concordaram. Estavam dois homens debaixo das macieiras da esquina, e uma velha atravessava a rua bem perto.

– Não vale a pena a-a-arriscar – murmurou Ringo.

– Já temos um *Opel* e dois *Fiats* – disse George.

– Eh pá, mas é um 220 S! – exclamei.

– Sacamo-lo noutra noite – disse John.

Mas não era certo que estivesse ali no dia seguinte. E aí senti aquele vazio no estômago que já senti muitas vezes desde então, e já não ouvia os outros. Atravessei calmamente a rua, só, debrucei-me sobre o capô, ainda o coração batia devagar, displicente, um par descia a rua vindo de Berle, os dois homens sob as macieiras lançaram-me um olhar, atrás das janelas os papagaios gritavam, mudos. Rodei o símbolo três vezes, larguei, puxei e encobri-o sob a camisola. John, George e Ringo já se tinham afastado bastante, deviam andar naturalmente, mas detrás pareciam três postes de luz, vermelha. John virou-se e acenou zangado, sorri e acenei-lhe em resposta, e desataram a correr para a Urra. Eu ainda estava no local do crime, olhando à minha volta, mas ninguém reagira. Comecei a seguir os outros, devagar, como que para prolongar o momento, senti-lo realmente, dar ao dono do carro uma hipótese de me apanhar. Aquele calor nervoso deli-

cioso expandia-se-me pelo corpo. E ninguém vinha atrás de mim. Tirei o troféu debaixo da camisola, rodei-o triunfalmente no ar e corri atrás dos outros.

Esperavam-me no Homem nas Escadas, cada um com um sorvete.

– És d-d-doido – disse Ringo.

– É fodido se formos apanhados – murmurou John.

Levantou os olhos e olhou-me, sem sorrir, parecia um pouco resignado, quase infeliz ali sentado com o sorvete na mão e um cigarro no canto da boca.

Já eram quase nove horas. Tinha escurecido sem o notarmos. No Homem das Escadas apagaram-se as luzes e fomos descendo a Rua Bonde. Dei o símbolo a George, era ele que os escondia, debaixo de revistas numa caixa sob a cama.

– Agora temos seis destas – disse.

– Mas nenhuma 220 S!

– Não vejo diferença n-n-nenhuma – sentenciou Ringo.

– Não importa *veres* a diferença, basta *saberes* – respondi.

– E quantos *Fords* temos? – questionou John.

– Nove – disse George. – Nove fodes.

– O meu mano trouxe uma revista pornográfica de Copenhaga – disse John.

Ficamos imóveis, olhando-o.

– Da Dinamarca? – ciciou Ringo, esquecendo-se de gaguejar.

– Foi a Copenhaga jogar andebol. Foda-se.

– E como... como é?

– Porreiro – disse John. – Tenho de me pirar.

– Traz amanhã – disse George.

– É isso, pá, traz! – gritou Ringo, rodando no ar a chave de fendas. – Traz!

Acompanhei o John. Íamos para o mesmo lado, pela Rua Løvenskiold, George e Ringo já se apressavam em direcção à Praça Solli. Nenhum de nós falou. A areia que no Inverno era deitada sobre a neve soava debaixo dos sapatos, e o passeio estava repleto de merda ressequida de cão. Eram sinais claros de Primavera, embora ainda estivesse bastante frio e escuro e estávamos a meio de Abril. Olhei para os meus sapatos e alegrei-me, porque a Mãe tinha-me prometido um par novo em Maio, e as que eu tinha agora pareciam-se mais com botas de cavador e eram pesadas como chumbo. Os sapatos do John também não eram muito melhores porque ele herdava tudo do irmão, Stig, que era dois anos mais velho e media 1,85, por isso os sapatos do John eram sempre tão grandes que ele tinha de dar um passo dentro deles antes de conseguir avançar.

– Acho que já chega de símbolos, temos suficientes – disse John sem me olhar.

– Às tantas podíamos coleccionar apenas marcas diferentes – propus.

– Temos muitas já – insistiu.

– Podíamos vender as repetidas.

John gelou, inerte, e agarrou-me com força no braço.

– Olha! – gritou, apontando para o passeio.

Fiquei imóvel. Estava um fio à nossa frente. Um fio. Um fio estendido no chão mesmo à nossa frente.

– O Homem Granada – sussurrou John.

Eu não disse nada. Apenas fitava o fio.

– O Homem Granada – repetiu John e recuou um passo.

Fiquei a um metro, talvez menos, do fio.

Desaparecia por entre uns arbustos e a outra ponta estava atada às grades de uma sarjeta.

– Não tem de ser o homem das granadas – disse-lhe baixinho.

– Qu' é que fazemos? – gaguejou o John atrás de mim. – Telefonar à bófia?

– Mêm'o co' fio nã tem de ser o homem das granadas – continuei, mais para mim próprio.

– Os dois gajos lá de cima do Grefsen telefonaram à bófia – cuspiu John entre dentes. – Podemos ir pelos ares!

Aí como que derreti. Derreti e ausentei-me. Avancei um passo, inclinei-me, ouvi o John a berrar atrás de mim, e puxei com toda a força.

Fez um estrondo impressionante, mas apenas porque estavam atadas seis latas a uma ponta do fio. John estava há muito no passeio do outro lado, abrigado atrás de um poste de luz. Mostrei-lhe a presa e ele saiu da sua trincheira. Nisto ouvimos risotas por detrás dos arbustos. John estava pálido e exercitava os maxilares furiosamente, e num salto transpôs os arbustos e arrastou dois miúdos até ao passeio. Empurrou-os contra um *Opel*, revistou-os, apontou para mim e para o fio e disse:

– Sabem quantos anos de xadrez apanham por isto?

Os pigmeus abanaram a cabeça.

– Cinc’ anos! – berrou John. – Cinc’ anos! São mandados prò Jæren, vocês nem sabem onde é, mas é longe com’a merda, e ficam lá cinc’ anos a partir rocha! Perceberam!

Os cenourinhas acenaram que tinham entendido.

E o John amarrou-os com o fio e enxotou-os rua abaixo. Corriam que nem doidos, e toda a gente veio às janelas ver, pensando tratar-se de um casamento. Ouvíamos o barulho das latas a vários quarteirões de distância.

– Porqu'ê que não as tiram? – interrogou-se o John, coçando a orelha.

– Devem achar piada – respondi-lhe.

Continuámos com vagar. Pouco depois John disse:

– És louco! Podias ter ido desta pra melhor!

– Como são as fotos da revista do tê' mano?

– Conas enormes. O dobro do tamanho das da *Cocktail*.

Calou-se de repente. Eu estava sem forças para perguntar, por isso esperei que o John desabafasse.

– E nã têm pêlos – escapou-lhe.

– Nã têm pêlos?

– Ná. Rapadas.

– É possível?

– Parece que sim.

– O velhote do Ola é barbeiro – disse-lhe.

– Vê-se tudo – disse John.

– Tudo?

– É.

Separámo-nos ao pé de Gimle. John desceu a Rua Thomas Heftyes, eu continuei em direcção a Skillebekk. Não conseguia tirar as conas rapadas do pensamento. Tentei visualizá-las, mas era impossível. O mais parecido que conseguia era a fotografia no livro *Saúde Familiar*, mas acho que essa estava retocada,

a cona era apenas uma superfície plana, parecia não ter pêlos, mas também não tinha nenhuma racha, e uma mulher daquelas não podiam mostrar no *Saúde Familiar*.

Ao contornar a esquina da Rua Svolder começou a chover, daquelas chuvas leves e tépidas que quase não molham, e que não se vê, e a mim pareciam-me cabelos a embater na cara, cabelos muito curtos e escuros, e havia um cheiro estranho em toda a rua, mais ou menos como os chuveiros do ginásio, e não se via ninguém. Desatei a correr o último troço porque já estava atrasado três quartos de hora.

Mas ao pé das caixas de correio travei a fundo. Estava lá um envelope castanho. Ao lado o carteiro tinha deixado um bilhete. Não havia ninguém neste prédio com o nome Nordahl Rolfsen. Alguém o podia ajudar? Eu podia. Era para mim. Escondi-a sob a camisa, esgueirei-me pelas escadas e pisguei-me para o quarto. Aí abri cuidadosamente o envelope, alerta, mas ninguém se acercava. O anúncio na *Nå* estava certo. Discreto e bem embalado. Da «*Tudo e mais alguma coisa*». Uma dúzia de *Rubi-extra*, cor-de-rosa. Onze coroas. Mas eu não tinha de pagar nada. Ninguém sabia quem era o Nordahl Rolfsen. Engenhoso. Não me atrevi a abrir o pacote corredio, apenas segurá-lo na mão, a ouvir a chuva leve lá fora, os cabelinhos a bater contra a janela. Guardei tu-

do na terceira gaveta, debaixo da *Pop-Extra*, das revistas dos Beatles e dum livro *Conquest*.

Era quinta-feira, de certeza, porque tínhamos uma redacção para o dia seguinte, a última antes do exame, e as redacções eram sempre entregues às sextas, provavelmente para que o professor Lue tivesse algo com que se entreter nos fins-de-semana. Eu não tinha ainda escrito uma palavra que fosse. O plano tinha sido começar a tossir já esta noite, ataques de tosse longos e catarrentos que não deixassem a mãe e o pai dormir antes da meia-noite. E na manhã seguinte bastava aquecer a testa contra a almofada, a mãe constataria 39,5° de febre, e ordenaria imediatamente que ficasse em casa, na cama. Mas eu não queria ser o último a ver a revista pornográfica do mano de Gunnar. Resolvi escrever a redacção após a mãe e o pai se deitarem. E a mãe apareceu à porta com uma sandes e um copo de leite.

– Podes dizer olá quando chegas a casa – disse.

Aceitei o prato e o copo.

– Estamos na sala. Não é longe.

– Eu sei – respondi.

– Onde estiveste?

– No pátio da escola.

– ‘Tão tarde?’

– ‘Tivemos a jogar futebol.’

Aproximou-se, e eu já sabia que agora ia demorar. E eu sabia o que ela ia dizer e o que eu ia responder para ser bem-comportado.

– Tens *mesmo* que pendurar estes cartazes horríveis na parede?

– Eu acho que são bonitos – respondi-lhe.

– *Bonitos!* – quase gritou a mãe e apontou para um que estava pendurado no alto da parede.

– São os Animals – respondi.

A mãe voltou a fitar-me.

– Tens de cortar o cabelo – disse. – Já toca nas orelhas.

Pensei no pai que era quase careca e correi, porque uma figura desagradável, uma cabeça monstruosa, um cruzamento alucinado materializou-se de repente à minha frente, e a mãe avançou, perguntando o que se passava.

– O qu’*é* que se passa? – respondi, roufenho.

– Sim. De repente ficaste esquisito.

A conversa tomava um rumo inesperado e perigoso. Comecei ostensivamente a comer, mas a mãe permaneceu de pé, encostada à ombreira.

– Estiveste com alguma miúda? – perguntou.

A pergunta era de doidos, descabida, estúpida, e em vez de a derrotar com uma gargalhada fiquei furibundo.

– ‘Tive c’o Gunnar! E c’o Sebastian e o Ola! A mãe afagou-me a cabeça.

– Mesmo assim acho que devias cortar o cabelo.

Mesmo assim! O que é que ela queria dizer com isso? Qual era a armadilha que estava a montar? Mobilizei os resquícios de energia que tinha e apresentei o argumento que encaixava sempre por ela em tempos ter querido ser atriz.

– O Rudolf Nureyev também tem cabelo comprido!

A mãe acenou levemente com a cabeça, um sorriso estendeu-se lentamente pela cara, e pôs de novo a mão sobre a minha cabeça.

– Podes trazê-la cá a casa.

Tinha a certeza de que eu era nesse momento o cara-pálida mais vermelho de todo o Oeste, descontando o Jensenius, o cantor de ópera do andar de cima que bebia duas grades de cerveja por dia e que dizia que era a demasia do vasilhame e a arte que faziam girar o mundo.

O pai estava como de costume na sua cadeira, em frente à estante com uma *Nå* que na capa trazia a foto da Wenche Myhre. Trabalhava intensamente nas palavras cruza-

das. Levantou a cara magra e pálida e olhou-me.

– Fizeste os trabalhos de casa?

– Fiz.

– Estás preparado para o exame?

– ‘Tou. Acho.

– Não tens de achar. Tens de saber.

– ‘Tou preparado.

– Estás deseioso de ir para o Liceu?^[1]

Acenei afirmativamente com a cabeça.

O pai sorriu e voltou a mergulhar nas palavras cruzadas. Dei-lhe as boas-noites e quando me virei a sua voz reemergiu.

– Como se chama o baterista dos Beatles?

Perguntou-o com um ar bastante circunspecto e não sei se não corou ligeiramente. Como que para se justificar apontou freneticamente para a revista.

– Ola – comecei a dizer, mas corriji-me.

– Ringo. Ringo Starr. Mas na verdade chama-se Richard Starkey – informei-o.

O pai escrevia entusiasmado nos quadradinhos, acenou com a cabeça e disse:

– Excelente. É mesmo.

Estava deitado à espera que a mãe e o pai se fossem deitar. Se acendesse a luz agora viriam

[1] A escolaridade na Noruega dividia-se em: Primária, 1.º a 4.º anos; Secundária, 5.º, 6.º e 7.º anos; Liceu, 8.º e 9.º anos; Preparatório, 10.º e 11.º anos e posteriormente, a universidade. (N. do T.)

perguntar o que se passava porque conseguiam ver por uma frecha sob a porta a luz acesa. Ouvia a chuva, lá fora, ouvia os comboios a passar a menos de cem metros, entre o meu quarto e a baía de Frogner. Eu sabia perfeitamente para onde iam, mas também não havia assim tantas linhas por onde escolher. E apesar de não irem para muito longe e de se manterem dentro do país faziam-me sempre pensar em terras distantes, como aquelas suspensas em rolos por cima do quadro da escola, e quando ouvia os comboios pensava em estrelas também, e no Universo, e tudo se esvanecia e eu caía para trás, como que para dentro de mim mesmo, e se eu gritasse vinham a mãe e o pai a correr, e eram como pontinhos pequeninos, lá ao longe, e arrastavam-me de volta. Mas desta vez não gritei. Ouvia os comboios e o zunido do eléctrico a atravessar a Praça Olaf Bull. E misturado com isto tudo estavam as vozes abafadas da mãe e do pai e o rádio sempre ligado e sempre com ópera que me soava tão solitária, mais triste que qualquer outra coisa que eu conhecia, um cantar de outro mundo, um mundo pardo e sem movimento, um cantar frio e morto. E nas paredes à minha volta estavam penduradas fotos de caras que também cantavam, mas não se ouvia um som que fosse, as guitarras e as baterias estavam silenciosas. Rolling Stones, Animals, Dave Clark Five, Hollies,

Beatles. Beatles. Fotos dos Beatles. E eu sonhava com Ringo e John e George e Paul. Sonhava que era um deles, que era o Paul McCartney, com a sua cara redonda e olhar melancólico que levava todas as miúdas à berraria descontrolada, sonhava que era canhoto e tocava baixo. Sentei-me de arranque na cama, acordadíssimo. Mas eu sou um deles, pensei em voz alta, e ri. Eu sou um dos Beatles.

Eram onze e meia e a mãe e o pai já se tinham deitado. Passei à acção. Havia três temas. O primeiro estava excluído à partida. *A minha família*. O meu pai é banqueiro e faz palavras cruzadas. A mãe queria ser actriz quando era jovem. Eu chamo-me Kim. Não dava mesmo. O outro tema era: *Um dia na escola*. Excluído. Mesmo a mentira tem limites, mesmo para mim a mentira tem limites. Pode mentir-se até um certo limite e safar-se, mas depois fica uma confusão. Tinha de escrever sobre o último: *Os teus planos após o 7.º ano*. Encontrei o caderno de redacções entre um monte de papéis velhos. Na redacção anterior tivera um suficiente menos. Mas essa foi o pai que escreveu. *O meu passatempo*. Ele descobriu obviamente que eu tinha de escrever sobre selos, apesar de apenas ter três, triangulares, da Costa do Marfim. O pai apanhou um suficiente menos. Arrisquei. Enchi a caneta e comecei a escrever directamente a tinta. Sem retorno. Senti calafrios na coluna,

a tensão tornava-me quase genial. Primeiro ia acabar o Liceu e o Preparatório. Depois ia estudar Medicina e ser médico num país pobre e dar a minha vida pelos coitadinhos dos pretos. Consegui três páginas e meia e finalizei com qualquer coisa sobre o Nansen^[2], mas não consegui bem fazer a ligação entre pretos e o Pólo Norte, e lembrei-me que devia ter referido o Albert Schweitzer, mas era tarde de mais. Fechei o caderno sem ler a redacção, e o tempo deve ter passado rápido porque o último comboio para Drammem passou com um fragor prolongado, e o mundo ficou silencioso. A chuva tinha parado. Os eléctricos já não circulavam. A mãe e o pai dormiam. E eu também estou quase a adormecer quando uma voz em falsete me enche o quarto, vem de cima, mas não é Deus, é o Jensenius, que começou a sua deambulação nocturna, de um lado para o outro, enquanto entoa as velhas canções de quando era uma estrela mundial.

E com o Jensenius a cantar por cima de mim era impossível dormir, apesar de não ser de longe tão triste como as vozes na rádio. Era ligeiramente sinistro ouvir-se o Jensenius, mas quando o víamos tornava-se quase cómico. Ele era enorme, e até parecia o tipo retra-

[2] Fritjof Nansen: explorador ártico norueguês, primeiro a atingir o Pólo Sul, e segundo no Pólo Norte. (*N. do T.*)

tado nas caixas de rebuçados *IFA*, de alcaçuz, que também era cantor de ópera. Lembrei-me agora. Na 5.^a classe recortei a assinatura do tipo da caixa de rebuçados, o Ivar Fredrik Andresen, e disse a Gunnar que era um autógrafa raro de um cantor de ópera mundialmente famoso. Gunnar comprou-o por duas coroas, pois colecionava autógrafos, desde o de Arne Ingier ao do camarada Lin Piao. Mas Gunnar questionou a razão de o papel ser tão grosso. Papel não, respondi-lhe. *Cartolina*. Chique. Mas porque é que era tão pequenina? Recortada de uma carta secreta, expliquei-lhe. Três dias mais tarde o Gunnar veio ter comigo e perguntou-me se queria rebuçados. E sacou de uma caixa de *IFA* e espetou-ma à frente dos olhos. Ele não estava zangado. Apenas surpreendido. Devolvi-lhe o dinheiro e desde então não houve negócios entre nós.

Pois, mas o Jensenius, o cantor de ópera lá do prédio, parecia um dirigível, e deste colosso saía uma voz altíssima, finíssima, arrepiante, como se estivesse uma menina pequena sentada dentro dele a cantar. Em tempos fora supostamente barítono, mas mexeram-lhe com a fruta e agora é soprano, bebe como um urso e canta como um anjo. E apetece-me chamá-lo Baleia, porque as baleias também cantam, cantam por se sentirem sós e pelo oceano ser demasiado grande.

E adormeço, no primeiro dia.

A redacção foi entregue na primeira aula, após o pai-nosso iniciado pelo Dragão. Mas ele não passou do «seja o Vosso nome», aí emudeceu e corou, abrindo e fechando as mãos, e o Ganso teve de substituí-lo, e connosco hirtos nos nossos lugares a acompanhá-lo murmurando o resto correu bem. O delegado de turma essa semana era o Seb, zunia fila acima, fila abaixo a recolher as redacções, depositando-as em montes ordenados na secretária do professor Lue, que observava surpreendido a turma.

– Todas entregues? – perguntou baixinho.

Seb acenou com a cabeça e dirigiu-se ao seu lugar. Ele sentava-se na última fila ao pé da janela, enquanto eu me sentava atrás do Gunnar na fila do meio e o Ola na primeira ao pé da porta e era sempre o primeiro a sair e o último a entrar. Aliás, era bom estar atrás de Gunnar, as suas costas eram tão largas que ocultavam o *Saúde Familiar*. Ele virou-se e sussurrou:

– Qual escreveste?

– Planos prò futuro.

– O qu'è que vais ser?

– Médico em África.

– O Seb vai ser missionário. Na Índia.

– Tu escreveste qual?

– Vou ser piloto. E o Ola cabeleireiro de senhoras.

– Trouxeste a revista?

Gunnar acenou rapidamente com a cabeça e virou-se.

Lue continuava a olhar para a turma como se fôssemos uma paisagem magnífica, subitamente desvendada em todo o seu esplendor, e não a 7A, vinte e dois novatos de cabelo ensebado e borbulhas e de mão no bolso.

– *Todos* entregaram? – repetiu.

Não houve reacção.

– Quem *não* entregou? – reformulou.

Silêncio na sala. Alfinete. Apenas se ouvia o trepidar do eléctrico de Briskeby, lá nas profundezas da terra, estávamos no último andar por sermos os mais graúdos.

Lue levantou-se e começou a deambular no estrado à nossa frente. De cada vez que passava pela secretária acariciava o monte de redacções e sorria cada vez mais largo.

– Vocês aprendem – disse. – Vocês aprendem e a minha acção talvez não tenha sido em vão. Em breve irão apreender que a *pontualidade* é uma das pedras basilares do mundo dos adultos. Agora que vão para o Liceu ser-vos-ão exigidas obrigações diferentes e bem mais pesadas, para não falar dos que entre vocês têm o preparatório, e posteriormente a universidade como meta, e vocês irão brevemente entender, e melhor seria se o entendessem já, algo que talvez esta bela torre

de redacções confirma, nomeadamente que vocês *já* entenderam, se não tudo, pelo menos parte.

Eu estava sentado na fila do meio, atrás das seguras costas de Gunnar. Lue marchava no seu palco, e falava com uma voz quente e vibrante. E ninguém ouvia uma palavra que fosse, mas não nos importávamos, assim não tínhamos de analisar tempos verbais nem ler Terje Vigen. E após algum tempo a sua voz desapareceu, é um truque que faço, consigo como que desligar o som, o que pode ser bastante agradável às vezes. O professor Lue transformou-se num filme mudo, os seus gestos bruscos e exagerados e a boca a trabalhar arduamente deixavam o público distraído adivinhar o que lhe ia na alma. E de vez em quando apareciam no quadro textos explicativos. *Quando fordes aventurar-vos pelo vasto mundo, preparai-vos – Combatei pela pátria e pela língua – O exercício aperfeiçoa – Virai sempre a face esquerda e perguntai primeiro – Bjørnstjerne Bjørnson.* E imediatamente antes do toque, apercebi-me da sua felicidade. Ele estava imensamente feliz porque por uma vez, a última vez, tínhamos entregue as redacções a horas. O professor Lue estava feliz e sentia por nós um profundo amor. Aí soou o toque e todos se precipitaram porta fora, apesar de o Lue estar a meio de uma frase, e vejo-o agora, uma

figura pequena e cinzenta, com uma bata demasiado grande pendurada à sua volta, o cabelo ralo descaído sobre a testa e com a cara brilhante de esforço e felicidade. Ele continua ali a falar mudo enquanto 22 jovens desvairados avançam, qual corrida de potros, e ali continua, no seu próprio mundo, decerto tão solitário como o Jensenius, mas feliz, porque finalmente expurgou a ironia, agora honesto e generoso e a amar-nos.

Mas isso é agora e não dantes. Daquela vez o filme mudo parou abruptamente com o toque, o Lue desapareceu instantaneamente como se a película tivesse acabado, e eu apanhei boleia do Gunnar. O destino era a casa de banho onde entretanto se tinham juntado uns dez ou quinze, pelo que alguém dera seriamente com a língua nos dentes, e esses dentes pertenciam ao Ola, porque o Ola tinha a pior cara de póquer do mundo, e bastava-lhe um par de ternos para ficar logo com tiques em toda a cara.

– ‘Tá onde? – resmungou o Dragão.

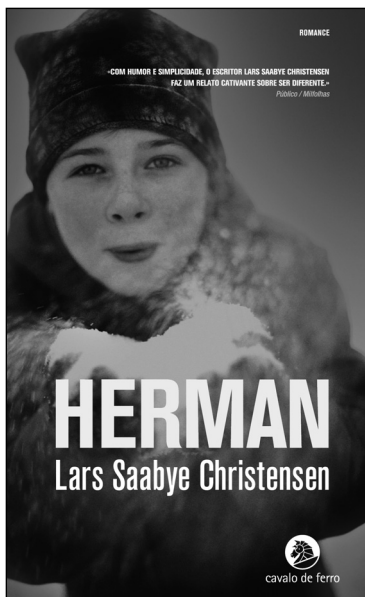
– Isto nã é um circo – respondeu Gunnar.

– ‘Tás a blefar – disse o Dragão. – Nã tens nada!

Não perca a continuação

a 3 de Novembro nas livrarias

Do mesmo autor na Cavalos de Ferro



«Herman come folhas e receia poder transformar-se numa árvore; sonha com a grua que o pai maneja com perícia, tão alta que lá de cima vê a China; fala com a mãe numa linguagem só deles; por vezes mente, por medo, e vive fascinado por uma menina de cabelos ruivos e desgredados que escondem ninhos de pássaros. Um dia o cabelo começa-lhe a cair, e a vida do pequeno herói transforma-se. [...] Um belíssimo livro, a não deixar passar por entre os densos e voláteis escaparates das livrarias.»

ANA CRISTINA LEONARDO
EXPRESSO